TL7162

Conselho Nacional da Resistencia Maubere-CNRM
Conselho Executivo da Luta/Frente Armada-CEL/FA

Nas montanhas daPátria,aos,12/3/95

Querdissimo Irmão

Fihi Reno!

Antes de tudo,desejo enviar-Lhe daqui,das montanhas da nossa querida Pátria,as nossas mais calorosas saudaçoes combativaes e abraços muito prolongados de saudades à Si e a todos os companheiros das celas,nomeadamente o Nanda,a Sama o João,o Marito e o velho Bino,desejando-vos a todos muita boa saúde,À Si,Querido Irmão os meus especiais votos de longa vida para continuar a digir,aí,por detrás das grades da prisão,a nossa dificílima resistência,cujo destino dependerá cada vez mais da solução do seu caso!

São já longos três meses que não Lhe escrevo!Não era porque me negligenciasse ou me desleixasse,é mais pelas dificuldades vividas no terreno que me colocou quase no silêncio com todos!Já a seguir procurarei explicar as razoes ou as verdadeiras causas de tudo isso,mas antes queria informar-Lhe que esta carta/relatório será subdividida em partes,compartando informaçoes recentes da nossa situação,análise e planeamento de actividades e diversos.Assim;

I-A nossa situação.

Desde finais de Novembro que,como Lhe informara na carta anterior,de Dezembro,estava em constante movimento,indo em perseguição do objectivo que me conduziu à Liquisá!

Já ali,onde chegamos a meados ds Dezembro,a minha preocupação central era a de conseguir,seja a que preço fôr,a conquista de umas das minhas maiores ambiçoes,se alguma vez tivesse sido algum ambicioso ou coisa parecida a isso,já que a nossa única ambição comum é a libertação da nossa Pátria!

Para o fefeito,procurei contactar-me com os responsáveis regionais e,em particular,com as pessoas ligadas ao assunto!

Todavia,porque do contacto tido com os elementos directamente ligados ao assunto não nos garantiam facilidades de levantamentos das "alfas",tivemos que estudar outras possibilidades de se conseguir o levantamento,incluindo acção armada.Pelo facto,tivemos que dar tempo para os preparativos.Nesse entretanto,fui aproveitando o tempo para investigar outras condiçoes como "kafus" e "alfas" escondidas das bases de apoio que por ventura ainda existisse,mas sempre atento aos preparativos pois,se tudo corresse como previamos,seria esse o"tiro sinal" da"reabertura de fogo",tendo em conta que quando decidí declarar o "cessar-fogo unilateral," ordenei ao Ruak a preparação de um plano de operaçoes ao nível nacional e que nós cumpriríamos o papel que nos cabe.

Estava decidido a aceitar tudo,mas que fizéssemos algo que pudesse provocar alguma alteração.Aliás,quando o Irmão afirmava que"mudanças qualitativas pressupõe acçoes qualitativas",estava-nos a dizer que temos que buscar sempre novas acçoes que pudessem imprimir na luta alteraçoes necessárias.Era esse pensamento que conduzia os nossos meus seforços.

Na verdade isso não constituia nenhuma orientação definida por mim, pois tenho consciência para inventar coisas para Lhe impressionar e também a outros companheiros. Mas posso assegurar-Lhe que isso constituia a minha guia de acção pessoal.

Nas investigações que fizemos, pudemos ter recolhido alguns dados, alguns falsos (digo falsos porque nos asseguravam da existência de "alfas" escondidas das bases de apoio, fomos escavar o chão onde supostamente teriam enterrado as "alfas" mas nada e eu pessoalmente participei também nessas operações); outros deram-nos alguns resultados com a recuperação de "kafus", essencialmente de "mota serra" umas oito centenas mas infelizmente não se conseguiu levantar a maior parte quando fomos atacados, em 11/Jan, pela manhã cedo, pelos invasores que avançaram de Maubara e Liquisá.

Tivemos que combater, provocando ao in. uma baixa mortal. Como consequência, os vândalos assassinos capturaram o "kepala Kampung" de Gariana-Maubara mais três compatriotas activos da organização local e feitos prisioneiros. Na noite do mesmo dia, pelas 9 horas, tivemos mais um outro combate no palvoal de Letelá/Liquisá mas aqui não se registou baixa de nenhum lado. Ainda nesse dia o inimigo reforçou a seus efectivos com forças heli-transportadas. No dia seguinte mais reforços chegaram de Ermera, Liquisá e Maliana barrando a ribeira de Lau Eli e Marobo/Bebai.

Ao cair do sol, quando estávamos próximos da estrada de Banitur/Faulara ouvímos rajadas de armas na direcção SW. Era em Pabo'o. Primeiro foram descarregadas contra um guerrilheiro que, por motivos de saúde estava escondido em casa de um patriota. O guerrilheiro tinha ido com outros dois para a ligação mas por causa da corrente da ribeira, os outros dois conseguiram atravessar para o outro lado, depois de terem sido levados pela corrente e ele que fora também levado pela corrente conseguiu sair também ficando a aguem. Pelo susto, ficou gravemente doente e ficou em casa de um elemento da população. O guerrilheiro é um recém-saído de Liquisá.

Denunciado por um dos elementos capturados em Gariana, foi cercada em casa por uma secção in. conduzida pelos 4 de Gariana. Mal concluido o cerco, o comandante precipitou-se a internar no quarto, na tentativa de apanhar o guerrilheiro vivo. Este, preferiu a morte a render-se aos indonésios e contra-atacou o inimigo intruso à catanada, tendo-o feito cair mortalmente, escapando-se assim são e salvo, apesar das intensas rajadas dos outros soldados in. Em represália, os criminosos apanharam mais dois rapazes, donos da casa e depois de amarrados e espancados massacraram-nos a sangue-frio com os 4 capturados em Gariana.

Porque a minha presença fora denunciada com a captura da máquina largada em Gariana por elementos da população de Faulara e porque os 4 também por não suportarem as torturas antes de terem sido assassinados, o Irmão já poderá ter dai pelas Suas próprias experiências das montanhas, imaginar o que aconteceu depois. Era tudo: inimigo em todo o lado perseguindo-nos, interceptando-nos, barrando possíveis passagens e ribeiras, chuvas torrenciais com ribeiras caudalosas, quase que intransponíveis, sempre com frentes in. próximos de nós e pior de tudo é estarmos também sempre próximo da população, dada as próprias caracteristicas do terreno, pràticamente tudo repovoado. E isso comprometia enormemente a vida das populações por muito que tentássemos evi-

tar. É a própria realidade do terreno e lá tivemos que nos adaptar, aceitando todos os sacrifícios. Sempre nessa situação quase ficámos, digo, passámos o resto do mês. Já nos finais, nos últimos dias de Janeiro é que eu pude ter saída dali, indo para os lados do "casal S. Tomé" entre as posições in.

Ainda quando nos encontrávamos em Liquisá, a "Sê Mider da Ilha das cabras" escreveu-me a informar sobre a chegada da "prenda do Natal" para meados de Janeiro Já nos finais do mês pude ter reestabelecida as ligações com a pessoa directamente envolvida no assunto que me informou sobre a presença, já na Pátria, da "prenda do natal" trazida por alguns amigos do "país do sol-nascente" e que esses amigos estavam desejosos de se encontrarem pessoalmente comigo, para me porem ao corrente sobre a maneira de como manejar a "prenda".

Face a isso, defini como prioridade das prioridades a recepção tanto da "prenda" como dos amigos. Praticamente passei o mês inteiro de Fevereiro sem fazer absolutamente nada. A recepção de duas coisas ao mesmo tempo exigia maior sigilo para além de que os NINJAS infundiam também uma situação de total insegurança, tanto mais que estava trabalhando em zonas perigosas. A movimentar-me para aqui e além, esgueirando-me entre posições perigosas, fiquei com o mês de Fevereiro em branco, pois os amigos tinham-se regressado à casa e nem a prenda me chegou às mãos.

Fiquei desapontado e triste mas ao mesmo tempo revoltado. Primeiro porque perdí uma oportunidade de ouro, porque essas oportunidades nem sempre acontecem. Segundo, porque fiquei eternamente à espera sem que a pessoa ligada ao assunto me dissesse algo. E isso talvez porque quando me liguei inicialmente, isto é, logo nos fins de Janeiro, pediram-me para que eu Lhe escrevesse uma carta propondo a reestruturação do CNRM. Porque fiz-me de surdo, voltaram a insistir na elaboração da carta, tendo-me mandado umas cópias de um projecto escrito por amo Jacob e AMD em nome da CDF e em vez de mim, pedindo-me para que eu assinasse o documento e Lhe mandasse para aprovação. Fiquei ofendido porque o gesto indicava passar-me cartão de incompetência, muito embora eu reconhcesse as minhas extremas limitações com consciência. Respondí a carta em forma de motejo e isso talvez tivesse criado um mal-estar para se produzir esse silêncio sepulcral. Só nos princípios de Março, depois de muita insistência é que me respondeu e alguns dias depois mandou-me a "prenda". Antes estavam desejosos a fazerem um "frente a frente" comigo mas porque lhes respondí de forma picante, tudo acabou!

Por tudo isso, venho a reconhecer mais uma vez que as minhas declarações forneram pinas às asas para os opositores do CNRM voarem.

A prenda está nas minhas mãos. É uma coisa especial, sofisticadíssimo e pelas condições/indicações, chama pouco a atenção dos "latis". Entretanto, apresentou um defeito. A escala horizontal, digo, vertical do lado direito da antena veio partido. Segundo o AMD já vinha assim do país do canguru. Mas nem a Santa Cecília, nem o Jose Afonso (este é o tal amigo portador do país do sol-nascente) nem os amigos da CDPM, em particular, o A. Pinto Pereira que me escreveu também, nenhum deles fez referência ao assunto, digo, a esta particularidade o que me leva a suspeitar que o AMD o tivesse feito partir. Já lhes pedí que me disem algo. Ainda não mexi sózinho, muito embora tivesse algumas instruções muito resumidas do A.P. Pereira.

sobre o seu manejo. Necessita-se de alguns conhecimentos técnicos e não tenho quem lançar a mão. Eu penso que o Irmão está já informado sobre as características da "prenda". É totalmente diferente do que estava com o Loré Lata. Foi enviada da CDPM e o Amigo A. Pinto Pereira escreveu-me informando sobre a "prenda", sua utilização mas as instruções são muitíssimo resumidas, isso reconheceu também o nosso Amigo. Aliás, foi através da carta dele é que eu pensei que o Irmão estivesse já informado sobre a "prenda" pois ele escreveu com o VL, o que me surpreendeu, pois eu nunca lhe escrevi alguma vez, a não ser a GA, mas isso foi nos finais de '93 e não me asseguro que a carta tenha chegado às suás mãos, porque os outros documentos perderam-se. É, na verdade, uma coisa adaptável à vida da guerrilha, oferece segurança porque funciona utilizando o sistema internacional. Mas ainda não utilizei na medida em que me considero, perante a "prenda", um autêntico boi enfrente de uma écrã de TV e tenho receio de prejudicá-la. É a pensar nisso tudo é que fico revoltado e triste. Teremos que esperar por alguém.

Voltando a situação, depois do massacre de Pabo'o verificou-se uma alteração, realmente. A assistência popular à guerrilha no plano logístico reduziu, alguns projectos nesse sentido falharam, tenho consciência disso. Refiro-me a um projecto de abastecimento nacional às FALINTIL. Contudo, era uma situação que se previa e nos preparávamos moral e psicologicamente, refiro-me aos guerrilheiros, para aceitarmos maiores sacrifícios, pois tínhamos que combater e as massas teriam que sofrer as represálias dos ocupantes. Havíamos que derramar lágrimas, havíamos que verter sangue, teríamos que aceitar mortes e foi isso que aconteceu! Se alguém Lhe responsabilizou pelo massacre de Sta Cruz, creio que desta vez também não fugi da condenação. Na verdade, as vezes temos que sacrificar uma parte para fazer andar a luta par frente e tento agora compreender uma das suas afirmações quando numa das conversas que nós os dois tivemos para os lados de Same, se não estou em erro, o Irmao me dizia, "As vezes me chamam de 'assassino' e aceito". Eu na altura não compreendia o seu pensamento, Irmão. Só agora já a direcção é que estou querendo compreender o alcance, a dimensão das suas afirmação. E Liquisa veio a provar isso, o massacre de Liquisa/Pabo'o ganhou a dimensão que a luta necessitava, provocou mais uma vez a indignação internacional face o regime assassino do ditador Suharto. Eu penso que se o nosso objectivo não tivesse falhado, as consequências talvez seriam ainda maiores. Aliás já a prever um recrudescimento da repressão inimiga é que ainda em Outubro pedí ao irmao RH para mandar observadores ou jornalistas para acompanhar de perto a situação no terreno, ao que ele me respondeu positivamente, segundo a sua última cassete de Nov. '94.

Mas apesar disso tudo, as massas populares ainda não negaram a sua participação na luta, o seu apoio à guerrilha, continuando a dar refúgio, comer e segurança aos guerrilheiros. Não negámos que a morte de três guerrilheiros em Kailaku, incluindo o saudoso Suno Moris, tivesse sido por denúncia de um elemento da população, mas as massas populares, numa generalidade, continuam participando activamente na luta. Lá para os lados de Liquisá ficou um grupo de guerrilheiros que separam de nós na altura do ataque do inimigo. Sem possibilidades de se juntarem a nós devido a situação imposta pelo in. eles permaneceram lá a cuidado da população que lhes dava refúgio, logís-

tica e segurança.Muitos nos escrevem,pedindo punição aos denunciadores e traidores.A preocupação pela segurança da Direcção e sobre a sobrevivência da guerrilha é uma realidade que experimentamos.A população sente que os guerrilheiros são a sua esperança/a esperança de algum dia viver livre e independente.

Estamos reunindo e criando algumas condições para actuarmos com objectivo militar/recuperação de material.O nosso probmea maior é o tempo/época de chuvas com ribeiras caudalosas e quase intransponíveis e isso torna ainda mais estreitas as já pequenas e estreitas zonas de manobras dos guerrilheiros.Só nos finais de Abril a princípios de Maio/a que teremos já as correntes dimuidas e transitáveis.Por outro lado,a nossa capacidade militar,essencialmente no que respeita a uma relativa superioridade táctica em relação ao in./é uma questão a considerar Recebemos do leste uma Ar,esta na minha segurança,a arma do Só e mais a metra,mas sem fita,estas enviadas dos centros.Mas perdemos uma AR,a do Suno Moris e uma G3 inutilizada.Mas apesar disso tudo,vamos tentar fazer algo.Um outro problema é a saúde do velho "ladrão de AR".Esteve doente por dois meses consecutivos.Só há dias se recuperou mas está ainda muitíssimo fraco.Sofre de paludismo crónico e dizem também que o traidor Tomás Gonçalves vem-lhe "desejando pragas" segundo os "urat nain",mas ja "fecharam o caminho".

Até aqui ainda não consegui nada do "negócio".Entretanto,continuo envidando as minhas atenções.Eu sei que ainda existe alguma coisa mas os possuidores estão renitentes,apesar de lhes ter dito e assegurado que disporia a quantia que pedissem.É que a situação criada pelos "ninjas" ameaça a estabilidade de todos,sem excepção.Lá para"7 de Dezembro" alguns "ninjas" foram mortos por tentaras naturais A população sente-se ameaçada,alguns dizem que a situação criada pelos "ninjas" anuncia a"eminência de uma guerra civil",e se preparam para a defesa.Ao cair do sol a população está armada de flechas,azagaias e catanas e organizam a defesa das suas aldeias aos ataques nocturnos dos Mninjas".E isso acontece ao nível de sucos.

Por causa dessa situação,os que têm ainda alguma coisa hesitam-se muito,tornam-se renintentes.Talves com o tempo possamos conseguir mais alguma coisa.

Bem,essa já longa descrição tem como objectivo colocar-Lhe ao corrente a situação actual.É apenas uma descrição local pois não tenho informações do resto do país.

Vou passar ao capítulo da análise e planeamanto de actividades para 95/96.Sobre a matéria,desde Dezembro que vinha alinhavando algumas ideias,depois de ter recebido,também na mesma altura,o Relatório do Ruak.

Existem vários assuntos que necessitam de um debate entre os membros da Direcção.Todavia,com os da RA é impossível,dada a nossa própria localização. Apenas só podia contar com a participação do Sabalae,mas também tornou-se praticamente difícil por causa da situação imposta pelo in.,tornando assim irrealizável os nossos desejos.

Assim,a análise que a seguir irei aprasentar é pessoal,levando consigo todas as deficiências que eu possuo.É um desafio às minhas capacidades de ordem subjectiva que julgo constituir o determinante do sucesso das nossas actividades. Aliás,o Irmão definiu isso com muita correcção na "TEMÁTICA" como a contradição

*- Mito, um elemento passou-nos mais uma velha! Esta já com os guerrilheiros.

principal e encararmos sm toda a guerra.Hoje,nas condições cada vez mais difíceis em que fazemos a nossa guerra de libertação nacional,torna-se cada vez mais mais evidente também a necessidade de melhorarmos e aperfeiçoarmos as nossas capacidades subjectivas como condição vital(se bem que tenhamos que considerar o concurso de outros factores intervenientes e condicionantes)para o sucesso de cada actividade de luta.Isto porque não podemos sonhar nalgum milagre caído do céu e vindo do exterior e isso obriga-nos a melhorar sempre as nossas faculdades intelectuais para um aproveitamento maís acerta do do que está ao nosso alcance para servirmos a nossa luta.

Querido Irmão,o relatório do Ruak que faço seguir também consta de muitas in verdades.Apreciaria o esforço do Ruak se no fundo não manifestasse muito orgulho,muita ambição e cinismo.Traz na verdade assuntos de interesse para a luta que são aproveitáveis mas ele apresenta os assuntos sob o ponto de vista de confronto e exibição.

Posso resumir que o relatório do Ruak parece apresentar alguma novidade para quem não conhece a nossa realidade!Mas tudo quanto consta no seu relatório é apenas a repetição daquilo que o Irmão já nos ensinou ao longo desses anos,a partir da conferencia nacional,dita e apresentada doutra forma.Ele fala muito de etapas e fases da nossa luta,fala de tarefas,fala de métodos e sua renovação,fala de avanços da luta,mas o seu pensamento não está subordinado a estratégia geral de solução do conflito.Talvez defendesse uma solução militar,pois em todo a sua exposição eu depreendo que expressamente ele diz uma coisa mas internamente diz outra ou precisamente o contrário.

Na verdade em matéria militar não possuo bases teóricas para rebater o que Ruak afirma;Também não posso ainda prever como será possível um envolvimento mais direto das massas populares na confrontação armada,uma participação que garantisse em si mesma continuidade.Por outro lado,e a propósito também disso,não compreendo como será possível a diluição das estruturas actuais ou separação das estruturas militares das das FALINTIL?Sinto-me neste aspecto demasiado pequenino perante a"grandeza" dos outros.Esforço-me em recorrer aos seus textos mas porque não os possuo,não consigo também trazer à memória a recordação do Seu pensamento.Por outro lado,não é habito meu decorar apressadamente algumas ideias importantes para mostrar que também sei alguma coisa. Ruak defende a ideia de intervenção ou apoio militar do exterior e creio que isso constitui a sua inpaciência e o confronto que existe entre ele e o Irmão.

Na verdade,Irmão,quando não nos faltam elogios,somos muito "simples","obedientes" e "dsiciplinados" mas quando os outros começam a ferir as nossas suceptibilidades quando nos apontam os erros e nos criticam as falhas,sentimos o orgulho ferido.Recordo-me agora do Mauk,Kilik e Ologari.

O que me ofendeu mais do relatório do Ruak foi a critica cínica que Lhe dirigiu indirectamente.Estava a dizer que o Irmão fugiu da morte eminente,entregando-se ao inimigo.Nisso,Irmão,eu senti-me profundamente magoado por Si.Afinal ele queria que o Irmão morresse a combater no abrigo para.....eles depois diría?!!ou a consciência ditará o que o seu íntimo quer.

Eu não posso buscar explicação correcta à Sua situação;Mas continuo convencido de que o irmão foi traído por José Alcácio;Causas mais profundas de traição,não posso explicar.Mas as causas mais próximas,ninguém melhor do que eu pode explicar porque eu acompanhava

de perto o desenrolar dos acontecimentos.Nisso ninguém me torcerá a não ser o próprio Irmão.

Mas se foi o resultado de uma estratégia de alternativa delineada pelo Irmão também concordo plenamente!Pelos interesses da nossa luta,dou o meu total apoio sem reservas.Eu preferiria que o Irmão esteja vivo hoje na prisão do que estar nas montanhas para cair tombado,com o seu corpo fulminado por uma bala do IN.Aliás,se existem melhores balas dos assassinos,essas sempre seriam reservadas para o Irmão.Um incidente desta natureza seria um verdadeiro desastre irreparável para a nossa luta!E ainda bem que o Irmão continua em vida!Não e nunca Lhe desejaria algum mal,mas se o Irmão tombasse,hoje seria o nosso fim,estaríamos arrumados.

Reconhço agora mesmo a minha ambiguidade com que abordei a Sua carta dirigida ao Ruak.Quero confessar-Lhe,no entanto,que não queria aprofundar as divergências!Mas afinal,dei passo em falso,iludí-me a mim mesmo!Afinal Ruak foi orgulhoso demais!Vou dizer-Lhe isso mesmo!E eu faltei-Lhe solidariedade!!!

Finalmente desejo assegurar-Lhe que sempre estarei pronto às Suas ordens! Alguém poderá considerar as suas últimas críticas dos finais do ano passado a minha prática errada,as minhas deficiências,as minhas fraquezas como um motejo mas eu considerei-as uma verdadeira chicotada de apoio para a minha própria formação a fim de servir a nossa heroica luta!

É tudo quanto tenho a abordar nesta capítulo!